



XXIX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (CIC)
2019
UACSA, UAST, UFAPE, CODAI e UEADTEC
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação de Programas Especiais



AS FORMAS DA FUNÇÃO ACUSATIVA EM CARTAS DE AMOR DO SERTÃO PERNAMBUCANO: ENTRE VARIAÇÃO E TRADIÇÃO DISCURSIVA

Antonia Caroline Alves da Silva¹, Cleber Alves de Ataíde¹
E-mail: antoniacarolinea@gmail.com

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada

O presente trabalho objetiva investigar as formas de referência ao interlocutor na função acusativa, em cartas amorosas escritas na década de 50, do século XX. Para tanto, utilizamos um *corpus* composto por 22 cartas de amor escritas por pessoas não ilustres do sertão pernambucano, já previamente coletadas pelos membros do projeto Para a História do Português Brasileiro – Equipe Regional de Pernambuco. Metodologicamente, realizamos a identificação dos contextos de ocorrência das formas acusativas de referência ao interlocutor, obtendo um total de 64 dados, distribuídos da seguinte maneira: 58 ocorrências do clítico *te*, 4 dados de *lhe* e 2 registros de *você*. No que se refere à relação entre o acusativo e o sujeito, obtivemos os seguintes resultados: i) em relação às cartas em que o *tu* figurou como estratégia exclusiva, o clítico *te* foi categórico, com 18 dados; ii) nas missivas com uso exclusivo de *você* foram registradas as formas alternantes acusativas *te*, *lhe* e *você* apresentando 9, 3 e 2 dados, respectivamente; iii) nas cartas com uso variável de *tu* e *você*, o clítico *te* também foi a estratégia mais produtiva, com 24 dados em detrimento de 1 ocorrência do clítico *lhe*; iv) nos contextos sem referência à segunda pessoa, o clítico *te* figurou como estratégia categórica, apresentando 7 dados. Além desses resultados, é válido mencionar a alta produtividade da construção *te* + *amar* em nosso *corpus*. Das 58 ocorrências do clítico *te*, em 46 casos ele apareceu próximo ao verbo *amar*, o que poderia evidenciar indícios de uma tradição discursiva. Dessa forma, nossa pesquisa vai ao encontro do que Lopes et al. (2018) afirmam, ao observarem que o *você* entrou no paradigma de 2ª pessoa efetivamente como sujeito, porém, nas demais funções sintáticas, ele sofre certa resistência, posto que observamos a predominância do clítico *te* nas missivas analisadas, independentemente do tipo de sujeito empregado. A alta frequência do clítico *te* poderia ser explicada, ainda, pelo viés das tradições discursivas, já que aparece muito frequentemente junto ao verbo *amar* em partes específicas da carta.

Palavras-chave: acusativo, paradigma pronominal de segunda pessoa, cartas amorosas.

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes.

Realização:



Apoio:



FUNDAÇÃO APOLÔNIO SALLES
F A D U R P E